

Concurso para a Bienal de Veneza já tem finalistas e alguns são muito jovens

Arquitectura
Isabel Salema

Primeira fase seleccionou Luís Santiago Baptista, Célia Gomes e Eliana Sousa Santos e os ateliers DepA e pontoatelier

Os arquitectos Luís Santiago Baptista, Célia Gomes e Eliana Sousa Santos e os ateliers DepA e pontoatelier foram as cinco equipas convidadas a apresentar propostas de curadoria para representar Portugal na 17.ª Bienal de Veneza de Arquitectura, a inaugurar em Maio de 2020.

Esta é a primeira fase do concurso feito por convites lançado pela Direcção-Geral das Artes e resultou de uma selecção feita por Ana Vaz Milheiro (professora universitária e crítica do PÚBLICO), José Manuel Pedreirinho (presidente da Ordem dos Arquitectos) e Sérgio Fazenda Rodrigues (professor universitário e curador). Os nomes foram propostos por este grupo de consultores da DGArtes, mas a equipa vencedora será escolhido por um segundo júri.

É a segunda vez que a DGArtes organiza um concurso para o pavilhão de Portugal em Veneza, tendo na última bienal ganho a proposta de Nuno Brandão Costa e Sérgio Mah que apresentou em Veneza obras de 30 arquitectos portugueses.

As cinco equipas têm agora até 10 de Setembro para delinear o seu projecto de exposição em Veneza. A proposta vencedora, que terá um orçamento de 250 mil euros, será exibida no Palácio Giustinian Lolin e deve responder ao mote da bienal, este ano dedicada ao tema *Como Vivemos Juntos?* Falta saber se o curador-geral, o libanês Hashim Sarkis, seleccionará arquitectos portugueses para a exposição internacional, aquela que no ano passado deu o Leão de Ouro a Eduardo Souto de Moura.

As cinco equipas seleccionadas para o concurso do Pavilhão de Portugal têm perfis muito diversos, incluindo jovens arquitectos, um atelier situado fora dos grandes centros urbanos, colectivos de arquitectos e uma boa representatividade de mulheres numa profissão dominada por nomes masculinos. Talvez a maior surpresa seja a presença do colectivo representado pelo pontoa-



O Palácio Giustinian Lolin acolherá a representação nacional

telier, que abriu um escritório de arquitectura no Funchal em 2016.

Composto por Ana Pedro Ferreira, Pedro Maria Ribeiro e José Gustavo Freitas, com idades entre os 30 e os 31 anos, o atelier tem no seu currículo pequenas reabilitações, começando agora a construir obras de raiz. Dois dos seus arquitectos, juntamente com Paulo David, foram responsáveis pela selecção dos 20 projectos portugueses que serão apresentados em Outubro na XI Bienal Ibero-Americana de Arquitectura, no Paraguai.

Novo júri

Os DepA, igualmente jovens, simbolizam bem uma nova geração de arquitectos do Porto, nascida nos anos 80 e que começou a trabalhar no auge da crise. São também um colectivo, com uma prática bastante diversificada, tendo feito a sua formação fora da cidade, neste caso na Universidade de Coimbra, com uma passagem por escolas europeias através do programa Erasmus. O atelier de Carlos Azevedo, João Crisóstomo e Luís Sobral, todos com 34 anos, foi seleccionado na última bienal por Brandão Costa para mostrar um dos pavilhões temporários erguidos no Parque de Serralves em 2017.

Eliana Sousa Santos, de 42 anos, é professora universitária e curadora. Investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e professora no ISCTE, foi vencedora do Prémio Fernando Távora em 2017 com o projecto de investigação *Branco a Branco - White salts, white sands*, uma viagem pela paisagem arquitet-

tónica e artística dos desertos do Sudoeste norte-americano, cujo relato publicou no PÚBLICO. Foi comissária da exposição *A Forma Chá*, em redor das ideias do historiador de arte George Kubler, apresentada no Museu Gulbenkian em 2016.

A arquitecta Célia Gomes, de 47 anos, é uma das fundadoras do atelier a.s*- atelier de santos, co-autora com Pedro Machado Costa de edifícios como a Escola Secundária Luís de Freitas Branco, em Paço de Arcos (Oeiras), nomeado para o Prémio Mies 2017. O atelier, que entretanto se desfez, passando os dois arquitectos a trabalhar em nome próprio, ganhou o Prémio AICA em 2016.

Por último, Luís Santiago Baptista, de 49 anos, crítico de arquitectura, professor universitário e curador, é o nome mais conhecido da selecção. Com exposições apresentadas no CCB – ARX Arquivo (2013) e *Fernando Guerra: Raio X de uma Prática Fotográfica* (2017) –, a sua curadoria mais recente (com Maria Rita Pais) intitula-se *Viagem ao Invisível*. Composta por uma exposição e um livro, analisa lugares fora dos itinerários mais comuns, caídos no esquecimento, como o Estaleiro Naval da Margueira ou o Panorâmico de Monsanto.

Numa segunda fase, os cinco finalistas serão submetidos a um júri composto por arquitectos que estiveram nas últimas bienais de Veneza (Nuno Brandão Costa, Inês Lobo, Susana Ventura e Pedro Campos Costa) e dois técnicos da DGArtes.